

FERNANDO GUSMÃO

Entrevistadora: Angélica Muller
Data da entrevista: 14 de janeiro de 2005
Transcrição: Clícea Miranda
Revisão: Ana Paula Goulart e Itamar de Assis Jr.

Qual o seu nome completo, o local e a data de nascimento?

Fernando Paulo Figueiredo Buarque de Gusmão. Nasci em 24 de dezembro de 1967, em Recife.

Qual o nome e a atividade de seus pais?

Meu pai trabalhava na administração de uma empresa metalúrgica. O nome dele era Paulo Buarque de Gusmão. E minha mãe, funcionária pública federal, chamava-se Sílvia Figueiredo Buarque de Gusmão.

Havia algum envolvimento da sua família na política?

Sim. Meu pai, quando estava no exército, participou da disputa de 1964, de toda aquela confusão do golpe militar. Foi preso e passou um tempo na cadeia. Enfim, uma série de coisas que ele passou.

E isso teve alguma influência na sua vida?

Teve influência na minha vida. Eu acho que depois que eu soube disso, que foi depois que ele tinha morrido, isso me fez despertar para a política, me fez participar mais da política.

Onde você fez seus estudos secundários?

No Colégio Salesiano.

E, nessa época, você chegou a participar do movimento estudantil?

Eu participei, mas somente de algumas coisas que o movimento estudantil participou. Da *Campanha das Diretas Já* eu participei indo aos comícios. Da campanha do Tancredo Neves, também participei de comícios. Foi uma certa iniciação na política.

Quando você ingressa na universidade, onde e em que curso?

Em 1986, na Universidade Federal de Pernambuco. No curso de engenharia elétrica.

Quando você começa a trabalhar no movimento estudantil universitário?

Eu participei do movimento estudantil por acaso. Eu estava entrando no diretório acadêmico para jogar uma partida de dominó, e comecei a jogar muito dominó. Passei a ficar muito tempo no diretório e as pessoas começaram a perceber que eu estava engajado no movimento estudantil. E, a partir daí, comecei participando de esportes, da luta pela qualidade de ensino, pela melhoria do ensino. A engenharia era muito precária. Não tinha laboratório, não tinha uma série de coisas. E a gente fez uma greve para retomar isso. Essa greve teve seus resultados. A partir de então, eu passei a participar mais do movimento estudantil.

Você chegou a ser presidente do centro acadêmico?

Cheguei a ser presidente do Centro Acadêmico de Engenharia Elétrica.

Como era a pauta do movimento estudantil dentro da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) neste período?

Era uma pauta muito restrita. A gente tinha uma pauta que pegava questões específicas do movimento estudantil. Pegava o restaurante universitário, porque a gente tinha restaurante universitário. A gente também discutia as questões nacionais, que estavam pesando. Tinha, também, a Constituinte, que estava sendo discutida em 1987. Era um movimento que tentava articular questões específicas, como a da sala de aula, o professor, a falta de condições que a universidade dava para os estudantes, questões mais vinculadas à problemática da educação, com as questões mais nacionais.

Você chegou também a presidir o DCE da UFPE?

Cheguei a presidir o DCE da UFPE. Eu fui tesoureiro do DCE e fui presidente. Essa minha passagem do DCE foi importante, porque eu saí daquele ambiente restrito do curso e fui para a universidade. A Universidade Federal de Pernambuco é muito grande, é um campus enorme. Eu circulei nos outros cursos em uma série de outras atividades, e isso me fez despertar para uma coisa maior. Acho que eu queria participar mais daquilo ali. Foi assim que eu fui para o congresso da UNE. O primeiro Congresso da UNE foi em 1987 ou 1988, lá em Campinas.

Você pode contar um pouco da sua experiência dessas suas idas aos congressos da UNE antes de ser presidente?

Eu ia para o congresso da UNE, e a primeira coisa que eu senti é que era diferente do que eu pensava. O congresso era aquela parafernália das forças políticas, as facções do movimento estudantil, e, aquilo ali, me despertou para saber o que era aquele movimento estudantil, o que era aquilo que não passavam para mim na universidade. E aquela disputa me fez começar a participar mais do movimento estudantil. Tanto é que, quando eu voltei, comecei a me engajar mais. Foi por isso que eu entrei no PCdoB (Partido Comunista do Brasil). A partir daí, eu entrei no PCdoB, porque o partido fazia doutrina no ônibus, fazia ali e voltava a fazer. Eles conversavam com você, diziam o que estava havendo. Então, eu voltei e comecei a participar do PCdoB. E estou aí para a gente ver como vai daqui para a frente.

A UFPE é uma grande escola de líderes do movimento estudantil, são vários. Você atribui a alguma coisa específica?

Eu não sei, mas têm o André Bezerra, a Luciana Santos, que agora é a prefeita de Olinda. Têm vários outros que surgiram no movimento estudantil, como o Renildo Calheiros, o Madeira. Tem uma série de lideranças que surgiram lá. Eu não sei, mas eu acho que as condições da universidade, seja a dificuldade de você ingressar em alguns cursos, seja desenvolvê-los, tinha o seu peso. Mas eu acho que, por ser Pernambuco, um lugar libertário historicamente, isso tem um papel também. É um movimento estudantil de muita história. Acho que isso influenciou também para que as pessoas despertassem para isso e fizessem essa coisa acontecer com as lideranças que surgiram lá.

Como era o congresso da UNE nessa época das *Diretas Já*. Foi complicado fazer movimento estudantil nesse momento?

Foi um momento bem complicado. Eu fui ao primeiro congresso em que o PT (Partido dos Trabalhadores) ganhou a eleição direta, disputando para ir para eleição direta, que eles perderam. Quem ganhou foi o PCdoB, mas eles condenaram e disseram que foi fraude, uma série de coisas. Em 1987, o PT assumiu, ganhou no congresso a eleição. A partir desse momento, a gente começou a ficar numa posição difícil. Até que, em 1988, a gente não reconheceu a diretoria da UNE. Na minha opinião, foi uma coisa errada. A gente fez uma coisa que o PT fazia antes, não reconhecia a diretora da UNE.

O 42º Congresso da UNE, que foi em Niterói, elegeu o Lindberg Farias como presidente. Como foi isso?

Eu participei do congresso. Fui eleito para a diretoria da UNE. Foi a primeira diretoria de que eu participava. Fui vice-regional, vice-Pernambuco e Paraíba. O Lindberg foi presidente da UNE. Foi um congresso dominado pela questão, não das Diretas, mas pelo Fora Collor. A gente estava no meio do processo do Fora Collor, se aprovava ou não o Fora Collor. Era esse o embate de 1992. O Collor saiu no final de 1992, e todos estavam naquele embate grande. O PT era contra, achava que era errado uma entidade como a UNE aprovar o Fora Collor, como se fosse uma bandeira golpista. Mas a gente aprovou o Fora Collor, e saiu de lá com essa bandeira, que foi vitoriosa.

Você pode contar para a gente como foi essa experiência do movimento dos “caras-pintadas”?

Eu fiquei em Pernambuco, e não em São Paulo. Em São Paulo, eu não sei muito o que aconteceu. Em Pernambuco, a gente fez muitas passeatas. As passeatas de Pernambuco eram muito grandes e colocávamos o carro de som com as pessoas em cima, música. Era uma manifestação diferente das que tinham antes, porque não tinha manifestação assim. Terminava a passeata com música. Há doze anos, nem se pensava em terminar a passeata com música. E, também, isso aconteceu em outras capitais. Os estudantes se caracterizavam. Há muito tempo os estudantes não se caracterizavam de nada. Pintavam a pizza, vestiam-se de presos, faziam uma jaula. Então, isso foi uma coisa que aconteceu em Pernambuco. A gente fez, pelo menos que eu me lembre, três grandes passeatas e uma grande que terminou na Dantas Barreto, que é uma avenida principal em Pernambuco. Essa passeata foi enorme e com cento e tantas mil pessoas. A gente terminou muito bem as passeatas, no final todo mundo falando. Essa não foi a passeata do final do *impeachment* mesmo. Quando ele aconteceu, foi uma passeata muito bonita mesmo e terminou na Dantas Barreto.

Como surgiu sua indicação para presidente da UNE?

A indicação do meu nome foi numa reunião na diretoria, na reunião na fração da UNE, onde se discutiu o meu nome. O outro nome era o Bertoti, que era um companheiro que tinha ido para São Paulo, que tinha condições de ir, mas acharam que o meu nome era mais adequado para compor aquele espaço. Mas não foi muito traumático não, não teve nenhum problema. Porque tiveram diretorias da UNE em que a sucessão foi traumática. Você tinha uma briga danada para indicar um membro para a diretoria da UNE. Quanto mais o presidente, você tinha um problema maior ainda. Mas a minha foi mais natural. O Lindberg defendia o meu nome, e ele tinha um prestígio grande na UNE. Isso me fez presidente da entidade.

Como foi o 43º Congresso que te elegeu presidente? Foi em Goiânia?

Foi um congresso interessante, foi um congresso bom. Eu acho melhor o congresso em que eu elegi o meu sucessor. Esse primeiro congresso de Goiânia foi um congresso mais ou menos natural. Apesar do PT ter uma força grande no congresso para eleger uma diretoria direta. As bandeiras das diretas voltaram com muita força. Tinha voltado antes, mas voltou com mais força nesse congresso, tanto é que foi a principal polêmica presente nas discussões. Passando isso, conseguimos fazer acordos, estabelecer acordos com as forças que compuseram a diretoria. A gente já tinha eleição proporcional, já era desde de 1991, e meu congresso é em 1993. A gente juntou todas essas forças em torno de uma chapa. Eu era conhecido no movimento estudantil, e acho que a gente armou uma boa chapa. Se a gente for falar em programa de chapa, eu vou dizer que eles são muito parecidos. Não tem muita diferença nos programas, pleno de lutas, você aprovava tudo em consenso, por unanimidade ou por maioria absoluta. E o que fazia diferença era a chapa e como ela se compunha.

Você pode dizer quais eram essas correntes políticas presentes no movimento estudantil? Não só na sua chapa, como nas outras também?

Tinha o PCdoB com a UJS (União da Juventude Socialista), tinha o MR-8, que eu não sei o nome, mas a cada congresso eles vão com uma tese diferente. Mudavam o nome e usavam o nome da tese como parte da corrente. Tem o PSTU, que não era o PSTU, era a Convergência. Tinha o PT e, dentro do PT, várias tendências. Tinha o Trabalho, a Articulação, a Articulação de Esquerda, a Nova Esquerda, o MTS, uma série de tendências. Tinha o PCB. Tinha o PSDB, pequeno, menor. O PMDB já é o MR-8. Haviam vários partidos. O PDT, que tinha uma força, uma presença no movimento estudantil. O PSB também tinha uma presença no movimento estudantil. A gente conseguiu formar uma chapa com muitos partidos, exceto o PT e uma parte do PSTU. A gente conseguiu formar uma chapa praticamente com todos esses partidos. A gente juntou PDT, PSB, PCdoB, MR-8, vários partidos entraram na chapa, até pessoas que não eram de partido nenhum, que eram independentes. A gente conseguiu montar uma chapa boa e disputamos a eleição. A eleição foi praticamente fácil em termos de disputa.

Você estava falando dessa amplitude dentro chapa proposta e encabeçada pelo PCdoB. Como é que você descreve isso?

Eu acho que mudou também. Eu acho que o PT e outras forças têm uma outra relação com o movimento dos independentes. Primeiro, os independentes eram pequenos em número, o que é esdrúxulo, porque a UNE é independente. A UNE é suprapartidária. Logo, você tinha que ter uma quantidade de pessoas que não tivessem partido, que fossem independentes, sempre muito grande. Agora tem tido isso. Nos últimos congressos da UNE, são muitos os estudantes que não têm filiação nenhuma, não conhecem partido nenhum. O PT e outras forças também, além do PCdoB, já faziam há muito tempo, já estabeleciam uma relação de conversa com esses grupos. Para incorporar nas teses do partido propostas que eles colocam na plenária. Abrir a tese e colocar para todo mundo é importante.

Qual foi a pauta aprovada para a sua gestão?

A pauta foi grande, mas houve uma tensão maior com as universidades particulares. A gente já estava num período onde elas eram três vezes as públicas. Tinha 70%. Hoje, tem quase 88% das universidades privadas mandando no ensino de terceiro grau, no ensino superior. Então, havia uma tensão particular, que passou por uma série de estágios. Havia medidas provisórias. O projeto que não foi aprovado até agora, que está no congresso, é o de emenda popular, que é um projeto de iniciativa popular de

mensalidade escolar. A gente colheu assinaturas de estudantes no país inteiro e levou para Brasília. Fora isso, a gente tinha a questão da carteira. As carteiras de estudantes eram motivo de preocupação grande. Tinha uma polêmica grande em relação as carteiras de estudantes sobre se a UNE deveria ficar com o dinheiro ou se deveria ser de graça, ou mesmo se cada estudante desse o que pudesse, uma espécie de contribuição voluntária. Havia também a questão das universidades públicas. Reivindicava-se mais verbas e cursos noturnos, como contraponto das universidades particulares, que têm mais verbas e mais cursos noturnos. Queríamos ampliar a noite, porque nas universidades públicas à noite não tem nada. Pode competir com as universidades privadas se abre cursos noturnos. Para isso, precisa de verbas, de recursos. E a gente colocava isso como questão. Então, tem uma série de coisas além do movimento estudantil que a gente fazia, muitas questões, muitas definições do movimento estudantil, seminários, coisas que eram importantes. Então, a gente tem uma bagagem grande nisso.

Como estava a UEE (União Estadual dos Estudantes) de São Paulo no início da sua gestão?

Ela não estava formada. Nem a UEE de São Paulo e nem a UEE do Rio. As duas UEEs foram formadas na minha gestão. A gente elegeu o presidente das UEEs depois de um amplo processo de escolha e de mobilização. A gente mobilizou muitas universidades, muitas cidades do interior. No Rio, a gente viajou e foi para muitas universidades no interior do estado. Isso ajudou muito o movimento estudantil no estado inteiro, tanto em São Paulo, como no Rio. Isso colocou o movimento estudantil no estado todo. O movimento estudantil estava localizado na cidade de São Paulo e na do Rio. Conseguimos interagir e articular o movimento estudantil no estado inteiro, fazendo a UEE acontecer.

Quando é que foi a retomada do terreno da Praia do Flamengo, 132?

Isso foi uma luta. A gente passou os dois anos da gestão discutindo e decidimos no congresso: "vamos retomar o terreno da Praia do Flamengo". Eu precisei de muitas e muitas vezes ir ao Congresso Nacional, ao Ministério da Educação. Nós fomos buscando e apertando ali. Esse negócio do serviço público, precisa apertar muitas vezes. Você precisa estar ali sempre em cima. Se você deixa duas semanas, uns 15 dias, a coisa desanda e você não sabe o que aconteceu com aquilo. Você deixa 15 dias, desandou e você não sabe o que pode ter acontecido. Eu ia sempre a Brasília e ao Ministério da Educação. A gente conseguiu com o ministro retomar o terreno. Ele fez uma minuta de um decreto em que o presidente Itamar Franco devolvia o terreno para a UNE. O ministro fez a minuta e entregou ao Itamar. E nós conseguimos retomar o terreno da Praia do Flamengo. Isso foi uma grande manifestação de apoio. Foram muitas as pessoas que participaram da UNE em outras épocas que vivenciaram isso e, de alguma forma, participaram da retomada do terreno. Muitos foram ao evento. A gente fez o evento no Hotel Glória, quando o Itamar assinou.

Você pode contar para a gente, com mais detalhes, como foi a retomada do terreno do Flamengo?

O terreno do Flamengo a gente precisou de várias idas minhas ao Ministério da Educação. Por diversas vezes, eu tentei resolver esse problema. A gente conseguiu com o ministro da educação um protocolo de projeto para ele submeter ao presidente da República, que assinaria ou não, devolvendo o terreno da UNE. Isso foi muito custoso porque, muitas vezes, a gente ia e voltava. E se deixasse 15 dias, o negócio no serviço público é difícil. Era complicado retomar o processo do começo. Se não se acompanha desde o início, você não consegue levar aquela coisa até o final. Nós retomamos o terreno na praia do Flamengo e o evento foi muito bonito, com a presença de muitas personalidades, muitos presidentes da UNE que atuaram no passado nessa reconstrução e nessa retomada do terreno. O presidente Itamar

Franco veio e assinou o protocolo de intenções. Depois, nós fomos para o restaurante Lamas, onde ele tomou *chopp* com os estudantes. Então, foi uma coisa muito interessante, muito legal. A gente guarda isso na memória e na história do movimento estudantil.

Você pode contar um pouco da medida provisória sobre as mensalidades escolares?

Essa medida provisória tem uma coisa engraçada. Eu, na verdade, vi na televisão, no *Jornal Nacional*, que o Ministério da Educação ia mandar uma medida provisória para o governo federal, para o presidente da República. Nessa medida provisória era completamente diferente do que a gente vinha conversando com eles. Vendo isso, eu fui para Brasília. Eu estava no Rio e fui para lá. Chegando no outro dia, no Ministério da Educação, a gente viu que aquela medida provisória não era nada do que a gente queria. A gente foi falar com o ministro e disse que aquela não era a medida provisória discutida. Os estudantes não iam concordar com aquilo, que ia ter manifestação contra. E o ministro disse: “não tem jeito. Só vocês falando com o presidente da República”. A gente foi ao Palácio do Planalto, eu e o presidente da UBES, o Joel Benin. Fomos lá e batemos: “Esse aqui é o presidente da UNE, quer falar com o presidente da República”. E o Joel lá também comigo. Para a nossa surpresa, alguém lá também disse: “Vocês podem subir”. Pegamos o elevador, subimos e ficamos na sala esperando o presidente receber. Depois de esperar um tempo, algum tempo depois, vem ao nosso encontro o ministro da Educação, dizendo que ele, de fato, não queria aquela medida provisória. E que a medida provisória vai ser outra e que o presidente da República vai nos receber no dia seguinte, fazendo a medida provisória que a gente queria. Então, a gente desceu com uma expectativa grande de dizer isso ao pessoal. Saímos e a *TV Globo* estava na frente, o *Jornal Nacional*.

Tinha alguma manifestação de estudantes?

Estava no Rio, vi na televisão aquilo e fomos para o Palácio do Planalto. Isso num dia só. De um dia para o outro. Conseguimos evitar que a medida provisória saísse daquele jeito. E, no dia seguinte, a gente foi ao Palácio do Planalto e o presidente da República nos recebeu e fez a medida provisória que os estudantes queriam, que era reduzir a mensalidade escolar. Ela congelava. Uma medida provisória com a qual muita gente no país inteiro concordou.

A Jalusa Barcelos lançou um livro sobre o CPC ainda na sua gestão. Você pode dizer como estava a questão cultural no movimento estudantil no início dos anos 1990?

Isso era pouco visto no movimento estudantil. Na minha gestão e nas outras, não era muito presente. Isso era uma falha do movimento estudantil. Nós tivemos uma participação intensa na produção cultural. A produção dos CPCs teve uma grande força na cultura do Brasil. A gente não tinha muitas manifestações culturais. E, na minha gestão, não teve essa manifestação cultural. No entanto, teve algumas coisas que nós fizemos. A gente reeditou o livro da UNE: *O Poder Jovem*, do Arthur Poerner. Foi o primeiro livro que eu li sobre movimento estudantil e que me fez despertar para o que movimento estudantil realmente era. E comecei a me interessar mais pelo movimento estudantil. Nós fizemos o segundo livro do Poerner, a segunda edição. Fomos nós que editamos, na minha gestão. Então, foi uma primeira leitura que eu tive do movimento estudantil. Acho que foi um dos primeiros livros sobre movimento estudantil que eu li. Isso em 1980 e pouco, na década de 1980. Aquilo me interessou muito pelas histórias que ele contava. Assim, eu quis reeditar e atualizar a edição, já que a anterior era da década de 1970. Não pegava a reconstrução da UNE até então, de 1979 até 1994, 1995. Eu acho que essa foi uma coisa que marcou do ponto de vista da cultura a nossa participação.

Como era a relação da UNE com a UBES as outras entidades estudantis?

Era muito boa. Da UNE com a UBES era sim. A UBES teve um papel decisivo na questão do *impeachment*. Não se fala muito disso, mas é bom que se fale. A UBES é que mobilizava muita gente. A base da mobilização do *Fora Collor* era de estudantes secundaristas. Você tinha milhares de estudantes e 70% deles eram secundaristas. A partir daí, a UNE e a UBES mantiveram uma relação amistosa, amigável, viajando sempre juntas para as atividades. A minha relação com o Joel era dessa forma. A gente sempre viajava junto, sempre estava junto. Isso fez com que a gente tivesse naquele episódio que eu mencionei da medida provisória. Estivemos juntos passando aquilo.

E o movimento estudantil internacional? A UNE tinha alguma relação?

Tinha. Tinha relação com a OCLAE (União Continental Latino-americana e Caribenha de Estudantes), com a UIE (União Internacional de Estudantes). A gente tinha uma diretoria de relações internacionais que era bem atuante. A gente tinha o André Bezerra, diretor de relações internacionais da gestão, que tinha uma grande penetração no movimento internacional. O movimento internacional teve uma baixa muito grande nesse período que eu tive na presidência da UNE. Porque a grande expectativa de mobilização foi o *impeachment* que deu. Esse sim foi um marco muito grande na história do Brasil e do mundo. E foi o movimento estudantil foi que capitalizou isso. Isso era o contrário do que as pessoas perguntam. O André era uma autoridade nos lugares. O diretor de relações internacionais da UNE, em determinado local, era uma autoridade. Ele é que ia para o local para dizer alguma coisa para as pessoas. Mas isso fez com que a UNE tivesse uma grande relação e penetração com as outras entidades estudantis.

Como você definiria a sua gestão?

A minha gestão foi uma gestão marcada pelo combate a política do Itamar Franco na questão das mensalidades escolares. Foi marcada pela luta da medida provisória de mensalidades, da criação de leis, regras e normas que conseguissem manter as mensalidades num patamar justo. Houve também a luta grande pelo aumento de verba nas universidades públicas. Foi o único ano que a UNE não teve greve nas universidades públicas. Foram três anos, o ano de 1992 e os anos da minha gestão: 1993, 1994, 1995. São três anos. São dois anos, mas você pega o meio do ano. Então, foi importante isso. A luta por mais verbas deu um grande reforço a UNE. Eu acho que a retomada do terreno da praia do Flamengo foi a marca decisiva na minha gestão. Acho que a minha gestão foi a que retomou e fez com que a gente reunisse muitas personalidades, muitas figuras que tiveram na UNE. Mesmo o José Gomes Talarico, que veio aqui falar com vocês, invasor do terreno da UNE, ele estava lá presente na retomada do terreno. Ele e uma série de pessoas que marcaram a história da UNE com a sua participação.

Como foi 44º Congresso da UNE, que elegeu o seu sucessor o Orlando Silva Junior?

O 44º congresso foi decisivo porque foi feito num lugar onde, geralmente, não se fazia congresso. Era na academia de tênis de Brasília. Quer dizer, não se tinha congresso ali. E você tinha um espaço que era difícil de você juntar para um congresso. Era difícil você armazenar as pessoas naquele lugar. Você tinha dificuldade. Apesar disso, o congresso foi muito positivo, muito interessante, muito participativo, com grupos de discussão que participaram intensamente. Foi um dos primeiros congressos que diversificou essa discussão com os grupos que funcionaram e tiveram presentes nos debates. Depois da plenária

final, que foi muito tensa, a gente ganhou. Elegemos o presidente da UNE, o Orlando, para continuar a gestão nos dois anos seguintes.

Você já falou um pouco da relação da UNE com o governo Itamar Franco. Você pode contar um pouco mais para a gente como era essa relação entre UNE e o governo?

Nós tínhamos uma política de oposição à política econômica do governo. O ministro era o Fernando Henrique Cardoso. Por diversas vezes, nós invadimos o Ministério da Fazenda. Eu me lembro que uma vez a gente foi ao Ministério da Fazenda, porque eu havia sido recebido pelo Fernando Henrique Cardoso para tratar de uma questão específica das mensalidades. Foi o Ministério da Fazenda que passou a assumir a questão da mensalidade escolar. Não era o Ministério da Educação, mas sim o Ministério da Fazenda que assumia essa decisão. E ele não quis me receber. Eu já tinha ido lá, já tinha falado com ele e voltamos alguns meses depois. Essa manifestação aconteceu de forma involuntária, porque eu fui ao Ministério ser recebido pelo Fernando Henrique. Chego lá, não podemos entrar. E nós estávamos com milhares de estudantes na porta. Estava chovendo. Eu sei que a gente invadiu o espaço, foi uma confusão danada. E terminou que a gente, depois, conseguiu garantir as coisas que eram necessárias, como a medida provisória com o presidente Itamar Franco.

Qual era, nesse momento, o prestígio da UNE como entidade representativa dos estudantes, tanto na opinião pública como para as autoridades em geral?

Era muito grande. Nós podíamos ligar para um ministro da Educação, da Fazenda, e tínhamos um espaço de interlocução com cada um deles. Também tínhamos na Câmara Federal, no Senado Federal e em vários espaços públicos. Ligávamos para o presidente da Petrobrás, para o presidente de uma estatal qualquer, e eles prontamente recebiam a UNE. A UNE estava com um prestígio muito alto. E nós estudantes também. Esse prestígio dos setores da intelectualidade, das autoridades públicas, refletia o prestígio que a UNE tinha na base. A UNE tinha um prestígio grande entre os estudantes. Tanto é que a gente fazia muitas passeatas. O número de passeatas que eu fiz na minha gestão, eu não contei, mas eram muitas passeatas. Praticamente de 15 em 15 dias, a gente fazia uma passeata em algum lugar, em São Paulo, Rio, Brasília. Sempre tinha um motivo para se fazer uma passeata, e a gente sempre estava fazendo um tipo de mobilização para deixar os estudantes mobilizados e ativos para uma determinada questão que estava acontecendo com eles. É um pouco assim. A gente, naquela época, tinha um prestígio grande e assim vivemos nesse período.

Você pode fazer um resumo das suas atividades depois que você saiu da presidência da UNE?

É fácil. Da presidência da UNE, eu não fui para Pernambuco de volta. Eu morava em Pernambuco, fui presidente do DCE e diretor vice-regional de Pernambuco e Paraíba. Militei ali no *impeachment*, porque eu fui vice-regional da UNE. Dali, eu fui para São Paulo, virei presidente da UNE e fiquei dois anos nesta situação. Depois, casei e vim para o Rio de Janeiro, onde estou até hoje. Eu vim de São Paulo para ser candidato a vereador no Rio. Em agosto de 1995, transferi o meu título e fui candidato na outra eleição, em 1996. O resumo da minha vida é isso. Eu tive participação no movimento estudantil. Depois, essa participação me fez seguir a vida política. Eu entrei no movimento estudantil e entrei na política também, e estou na política até hoje.

Você pode fazer uma avaliação do movimento estudantil de quando você saiu até hoje?

Na década de 1990 é difícil você fazer uma avaliação comparativa. Nela há o *impeachment*, que é algo novo. É algo que “estourou a boca do balão” do movimento estudantil. Aquilo ali mobilizou muita gente. Muitos e muitos jovens se interessaram pelo movimento estudantil a partir daquilo, se interessaram pela política estudantil e, depois, pela política não formalmente, mas a política informal e nas relações com as pessoas. O movimento estudantil tinha muito prestígio naquela época, muito mesmo. Agora eu vejo que ele tem menos. Ele está numa situação mais difícil agora. Mas isso é fruto, também, das condições de luta e mobilização do próprio país. O movimento estudantil não tem uma bandeira, uma luta que ele pegue e assuma isso como seu. O movimento estudantil sempre vai ter uma capacidade de recuperação muito grande, de retomada das coisas. Para você ter uma idéia, quem pensava que em 1990 ia acontecer o *impeachment* e a briga pelo Fora Collor? Então, eu acho que, mesmo hoje, o movimento estudantil deve fazer isso de maneira permanente, que ele faça a Bienal, o seminário, as atividades que ele tem que fazer. Ele tem que manter isso para quando for necessário. Catapultar o movimento, ele está em condições de ser catapultado. E a UNE foi isso. O *impeachment* foi isso da UNE. O movimento estudantil foi catapultado à cena nacional naquele momento. Eu acho que ele pode vir a ser mais uma vez, isso só a história para dizer.

Qual a tua opinião a respeito de um projeto como este, que visa resgatar a memória do movimento estudantil brasileiro?

Eu acho muito importante. Eu acho muito importante mesmo, porque isso a gente não tem em praticamente lugar nenhum. O movimento estudantil fica muito refém do que cada um conta diferente e que não é registrado, não é estruturado em alguma coisa, num papel, numa fita de vídeo. Eu acho isso fundamental, porque isso conflita as opiniões. Isso dá condições para o sujeito que vai ver depois aquela fita e fazer uma avaliação do que era o movimento estudantil naquela época, e isso é muito importante. Vocês estão fazendo um trabalho sensacional. Eu acho que vocês estão de parabéns por isso.